

## **Estelita: as faces do Cais<sup>1</sup>**

Sarah Pedon de ARAUJO<sup>2</sup>  
Alex Júlio da Silva CIRNE<sup>3</sup>  
Caíque Luiz Batista de PAULA<sup>4</sup>  
Edilberto Vinícius de Brito NASCIMENTO<sup>5</sup>  
Leonardo Coutinho Persivo CUNHA<sup>6</sup>  
Marcos Carvalho MACEDO<sup>7</sup>  
Paula Ádala dos Passos Pereira GOMES<sup>8</sup>  
Selassié de Andrade SILVA JÚNIOR<sup>9</sup>  
Suenia Aline de AZEVEDO<sup>10</sup>  
Yasmin Bezerra FREITAS<sup>11</sup>  
Thiago SOARES<sup>12</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

Este paper trata de um livro-reportagem cujo conteúdo são nove perfis elaborados por diferentes estudantes a cerca do movimento #OcupeEstelita. Em maio de 2014, um grupo de manifestantes ocupou um terreno de grande especulação imobiliária. O motivo? A área, anteriormente pública, foi leiloada e estava prestes a se tornar um cinturão de arranha-céus. A sociedade civil se organizou entorno da causa e o Ministério Público de Pernambuco levou a questão à Justiça. De um desafio proposto por nosso orientador surgiu Estelita: as faces do Cais, uma antologia de perfis de antigos moradores e ocupantes da área e de seus novos aliados: os manifestantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estelita; #OcupeEstelita; Livro-reportagem; Perfil; Movimento.

### **1 INTRODUÇÃO**

No centro do Recife, na Ilha Antônio de Vaz, está localizado o Cais José Estelita. Área de aterro que liga os bairros do Cabanga e o de São José possui uma área desocupada com aproximadamente 100.000 m<sup>2</sup>. No local existem velhos galpões que serviam para

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: sarahpedon@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: julio.cirne0@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em mobilidade acadêmica, e-mail: caiqueluiz@live.com.

<sup>5</sup> Estudante do 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em mobilidade acadêmica, e-mail: viniciusdebrito@ymail.com.

<sup>6</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: leonardo\_persivo@yahoo.com.br.

<sup>7</sup> Estudante do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em mobilidade acadêmica, e-mail: marcosjovem@hotmail.com.

<sup>8</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: paula.gpassos@hotmail.com.

<sup>9</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: selassiejunior@gmail.com.

<sup>10</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: [sueniaazevedo@live.com](mailto:sueniaazevedo@live.com).

<sup>11</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: yasminbezerrafreitas@hotmail.com.

<sup>12</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: thikos@gmail.com.

armazenar açúcar vindo do porto do Recife e uma antiga estrada de ferro desativada. O terreno pertencia à antiga Rede Ferroviária Federal (RFFSA), que permitia que antigos funcionários responsáveis pela manutenção da ferrovia residissem em casas construídas pela própria Rede dentro do terreno.

Além dos antigos funcionários da ferrovia e suas famílias, residem no local, pessoas que aos poucos foram ocupando a área e construindo casas improvisadas. Em 2008, a União resolveu leiloar o terreno, vendendo-o por R\$ 55 milhões a um consórcio de empreiteiras. A grande discussão envolvendo o local se deve à intenção de projeto para essa área privilegiada da cidade: construção de 12 torres com 36 andares, entre residenciais e empresariais e quase 5.000 vagas de estacionamento. Cada metro quadrado custou cerca de R\$ 4 mil para o consórcio, enquanto as salas e apartamentos seriam vendidos por até R\$ 1 milhão.

O projeto faraônico para a área mobilizou diferentes seguimentos da população contra a verticalização da cidade, a privatização de uma área com grande potencial para obras públicas e a destruição do patrimônio histórico. Uma ação civil pública foi proposta pela promotoria de meio ambiente e patrimônio histórico do Ministério Público de Pernambuco e desde então, a área está sob apreciação judicial tendo inúmeros desdobramentos. De lá para cá, uma série de ocupações foi promovida no local pelo Movimento #OcupeEstelita, mas uma delas se destacou.

Em maio de 2014, o consórcio de empreiteiras iniciou a demolição dos armazéns de madrugada. Um militante do grupo Direitos Urbanos (engajado em outras questões de planejamento urbano) avisou nas redes sociais e pediu que as pessoas se deslocassem até o local para impedir a demolição. Imediatamente, espalharam-se pelas redes sociais as hashtags #ocupeestelita e #resisteestelita. Na madrugada do dia 22 de maio iniciou-se mais uma ocupação no local. Dessa vez, o grupo “passou a promover uma intensa programação cultural que incluiu aulas abertas, produção coletiva de atividades artísticas, shows, atividades lúdicas e educacionais para crianças do entorno, debates sobre urbanismo, democracia e comunicação” (#OCUPEESTELITA, 2014).

A ocupação durou 28 dias. Nesse tempo, muitas pessoas passaram pelo local e cerca de cem realmente estavam acampando no lugar. Além dos ocupantes e dos já moradores, muitas pessoas visitavam a área para participar das atividades, ver como funcionava a articulação do movimento e para doar alimentos e produtos de higiene, dos quais todos

usufruíam em conjunto. Assim, antigos moradores e ocupantes do local estabeleceram laços de amizade com os novos ocupantes e com os visitantes, criando um forte sentimento de comunidade, na qual todos dividiam as tarefas e colaboravam para o bem-estar comum.

Esse é o cenário que encontramos para a produção do livro-reportagem objeto desse paper. O livro, assim como seu objeto de análise, surgiu como um desafio. Em uma cadeira do curso, nosso professor e orientador propôs que fizéssemos perfis dos envolvidos no “conflito”. Podiam ser moradores, ocupantes ou visitantes, desde que fossem pessoas envolvidas de alguma maneira na questão. Ao final da elaboração dos textos individuais, os melhores foram escolhidos pelo professor e três estudantes ficaram responsáveis pela edição. De uma compilação de perfis experimentais nasceu o livro-reportagem Estelita: as faces do Cais.

## **2 OBJETIVO**

O principal objetivo ao elaborarmos o livro-reportagem foi o de compilar os perfis de personagens de uma história pouco abordada pelos tradicionais veículos de comunicação. Na produção dos textos, como objetivo específico, tínhamos a prática, a experimentação desse gênero do jornalismo. Igualmente, buscávamos retratar de diferentes ângulos, trazendo o seu lado humano, um acontecimento que agitava (e ainda agita) o Recife, que é motivo de discussões e que continua a ter desdobramentos.

Acreditamos que não só para nós que elaboramos os textos e fizemos a edição, mas para todos aqueles que leram os perfis foi uma oportunidade de conhecer melhor o movimento e a questão pela qual as pessoas envolvidas lutam. Dessa forma, ao apresentarmos os diferentes lados dessa história a partir da vida dessas pessoas, contribuímos para um jornalismo aprofundado que é capaz de mostrar mais de um ponto de vista, com fontes que não costumam ser consultadas pela mídia.

Consideramos um aprendizado de grande importância, pois tivemos a oportunidade de escrever textos livres, sem as amarras do lead e de abordar uma temática sem qualquer comprometimento com políticas editoriais. Na elaboração desse trabalho pudemos realmente provar da liberdade experimental que só a universidade é capaz de dar. Aprendemos a escrever perfis interessantes de uma maneira muito prazerosa, conhecendo pessoas e suas histórias de vida, suas motivações e anseios. Assim, fizemos jornalismo de verdade ao “sujar os sapatos” como diria Gay Talese e abordar um assunto que envolve múltiplos interesses.

### 3 JUSTIFICATIVA

Nos meios de comunicação ditos tradicionais o Movimento #OcupeEstelita teve pouquíssima repercussão. No início da ocupação, o silenciamento da mídia era absoluto. Os jornais, as redes de televisão e as rádios evitavam qualquer divulgação sobre o movimento. Na internet, por outro lado, a adesão às hashtags só aumentava e o grupo Direitos Urbanos publicava, em seu site, notícias sobre os desdobramentos da polêmica envolvendo a sociedade civil, o consórcio formado pelas empreiteiras, a prefeitura do Recife, o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o Ministério Público de Pernambuco.

Aos poucos, os veículos de comunicação viram-se obrigados a divulgar os desdobramentos do caso, entre decisões da justiça, audiências públicas e ocupações de outros locais como forma de protesto. Tornou-se impossível para a mídia continuar a negar a existência do movimento, mas a cobertura que fazia era superficial e tendenciosa, sem trazer qualquer contribuição para a formação do pensamento crítico de seu receptor. Dessa forma, os participantes do movimento começaram a produzir conteúdo midiático próprio, fazendo toda a divulgação pelas redes sociais.

Somado a isso, os manifestantes começaram a proibir a entrada de repórteres no local da ocupação, acusando a mídia de distorcer o movimento e ser partidária. Inclusive, alguns de nós encontramos dificuldades para conversar com as pessoas, que estavam receosas pela forma como as empresas de comunicação estavam divulgando os acontecimentos na área. Esse contexto midiático serviu de estímulo para a elaboração dos perfis e posteriormente do livro-reportagem. Sentimos a necessidade de abordar o movimento de dentro e fornecer um panorama dos conflitos que superam as questões judiciais.

Consideramos importante demonstrar o porquê de algumas pessoas recusarem-se a sair do local e como outras sobrevivem da maneira que podem, sem ter sequer uma casa sólida para morar, enquanto outras desfrutam do luxo em uma cidade que é cada vez mais privatizada. A divulgação do movimento contribuiu também para mostrar que é possível uma sociedade engajada e opinante sobre questões que dizem respeito a todos, como o planejamento de uma cidade e a gestão de patrimônios públicos.

Assim, além da prática de um jornalismo aprofundado, que vai às ruas ouvir as pessoas, pudemos experimentar um jornalismo comprometido com questões sociais<sup>13</sup>. Outra contribuição importante é o fato de que o formato do livro-reportagem permite sua disponibilidade permanente. As poucas notícias sobre o movimento desaparecem rapidamente e agora já não se fala mais, apesar de o Movimento #OcupeEstelita continuar a promover encontros e ações no local e em outras áreas da cidade. O livro-reportagem, em seu formato digital, permite a retomada do assunto sempre que é compartilhado, além do que, jamais ficará desatualizado, servindo como documentação do evento.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Primeiramente, obtivemos, em sala de aula, instruções acerca dos elementos formadores do perfil jornalístico e fomos estimulados a ler perfis muito interessantes e famosos por sua qualidade, como os das revistas *piauí* e *The New Yorker*. Assim, quando partimos para a prática sabíamos que o foco era aquele momento da história de vida do personagem, entrando talvez no seu passado e ouvindo suas aspirações para o futuro, mas o foco narrativo devia estar no presente. Poderíamos falar das circunstâncias que levaram o personagem a fazer parte dos acontecimentos, entretanto, o principal objetivo era mensurar seu envolvimento nos fatos.

O segundo passo foi irmos até o local da ocupação. Alguns já haviam visitado o local e estavam a par da situação. Outros que estavam distantes das discussões foram desafiados a frequentar a área e não só escolher um personagem para seu perfil, mas também sentir a atmosfera do lugar, de modo que pudessem retratá-la da melhor maneira em sua descrição. Dessa forma, cada um estava livre para conversar tanto com ocupantes, com moradores ou com visitantes, proporcionando a diversidade de personagens.

Na escrita, havia igualmente total liberdade, era preciso apenas elaborar um texto em formato de perfil jornalístico, respeitando o que dizem Sodré e Ferrari (1986):

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 126).

---

<sup>13</sup> Não estamos tomando partido. Apenas acreditamos que a mídia negligenciava a cobertura do movimento, sem mostrar o lado de manifestantes e moradores da área.

É por isso que os personagens são apresentados de diferentes formas, ora com um diálogo ou com uma contextualização, ora com a narração do encontro. Esse último foi a técnica mais utilizada, correspondendo ao que Sodré e Ferrari (1986) chamam de terceiro modo de construção de perfil, sendo a mistura do discurso direto, quando o personagem se apresenta, e do discurso indireto, quando o narrador conduz o perfil:

Temos um narrador que desconhece seu personagem e relata a experiência do encontro *no momento em que ele se dá*. Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado. (grifo dos autores). (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 131).

Essa maneira de narrar e apresentar os personagens trouxe aproximação da realidade, dando vivacidade, fluidez e naturalidade aos textos. É possível sentir-se parte do acontecimento à medida que o leitor pode acompanhar o desenrolar dos fatos, sabendo inclusive, dos bastidores da elaboração do perfil, desde a dificuldade de encontrar alguém que aceitasse conversar com um estranho até a receptividade no local e facilidade de algumas pessoas em contar suas histórias.

Depois de escritos os perfis, nosso orientador selecionou os melhores da turma de acordo com a linguagem empregada e a profundidade do relato. Em seguida, três alunos da turma foram escolhidos, por suas notas, para compor a equipe de edição. Como embasamento teórico para a montagem do livro nos concentramos no que Edvaldo Pereira Lima (1995) diz ser a função do livro-reportagem:

A função aparente de *informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas*, de modo que ofereça ao leitor um quadro da *contemporaneidade* capaz de situá-lo diante de múltiplas realidades, de lhe mostrar o *sentido*, o *significado* do mundo contemporâneo. (grifos do autor). (LIMA, 1995, p. 37).

Por isso consideramos importante a publicação dos textos em formato de livro-reportagem, o que possibilitou maior divulgação do trabalho e conseqüentemente da temática. Assim, acreditamos que o nosso livro-reportagem foi/é capaz de informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais e figuras humanas, cumprindo o que Lima diz ser a sua função. Nessa mesma obra, o estudioso propõe uma classificação não estanque a esse gênero jornalístico. Avaliamos a nossa produção como pertencente a duas categorias: o livro-reportagem-atualidade e livro-reportagem-antologia.

Classificamo-lo como livro-reportagem-atualidade porque tratamos de um tema atualíssimo. Na época de sua elaboração, a principal ocupação, descrita na introdução desse

paper, havia acabado de ocorrer. Assim, a temática do livro foi e ainda é extremamente atual. Cabe ressaltar a diferença entre o livro-reportagem-atualidade e o instantâneo. O primeiro, categorização da nossa produção, trata de assuntos atuais, mas que ainda não tiveram um desfecho, fazendo o autor apenas suposições acerca do futuro.

No segundo caso, o livro-reportagem-instantâneo, o fato foi recém-concluído e já é possível apresentar o seu desfecho na publicação. A peculiaridade do nosso livro está em sua temática. Quando o elaboramos não era possível prever o fim da disputa judicial e ainda hoje não há uma decisão definitiva acerca do destino da área, apesar de os manifestantes terem sido expulsos do local, um mês depois da escrita dos perfis, em uma ação de reintegração de posse.

Quanto à categoria de livro-reportagem-antologia, embora os textos não tenham sido publicados anteriormente em separado, baseamo-nos nessa categoria para formulá-lo. Segundo Lima (1995), podem ser textos com diferentes temas de um mesmo autor, podem ser de diferentes profissionais sobre o mesmo tema, ou ainda, sobre diversos temas e diferentes autores, mas que possuem um gênero jornalístico em comum. Assim sendo, o Estelita: as faces do Cais encaixa-se na segunda opção: é um livro cujos textos pertencentes ao mesmo gênero jornalístico tratam da mesma temática, mas são de diferentes autores. A partir desse estudo teórico, tanto sobre perfil, quanto sobre livro-reportagem, pudemos produzir o livro-reportagem objeto desse paper.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Como já discutimos bastante o processo de produção na seção anterior, abordaremos com mais detalhes o produto. Assim sendo, Estelita: as faces do Cais é um livro-reportagem de atualidade e de antologia, publicado em formato digital na plataforma gratuita ISSUU<sup>14</sup>. A obra possui 62 páginas distribuídas entre uma apresentação, um índice e três capítulos de diferentes tamanhos, cada um contendo três perfis. Totalizando, portanto, nove textos. Os capítulos foram intitulados “Na margem” (capítulo 1), “Nos trilhos” (capítulo 2) e “Na vila” (capítulo 3).

Intitulamos o primeiro capítulo como “Na margem” para enquadrarmos perfis de personagens que moravam no local ou visitavam, mas que não estavam a par dos acontecimentos. O primeiro texto, nomeado “Menino pobre, xará de escritor, super-herói,

---

<sup>14</sup> O livro-reportagem está disponível no link: <[http://issuu.com/jornalufpe/docs/estelita\\_-\\_as\\_faces\\_do\\_cais](http://issuu.com/jornalufpe/docs/estelita_-_as_faces_do_cais)>.

João” conta a história de um garoto de seis anos, morador de um bairro próximo da área, que costumava ir brincar no local, mas não fazia ideia do motivo da ocupação em sua mente de criança. O segundo texto, denominado “A chance que o papa-figo levou” conta a história de um rapaz, ocupante antigo do local, mas que obtinha as poucas notícias do #OcupeEstelita pela televisão.

O terceiro texto e último do capítulo, intitulado “Deus, o diabo e a matriarca na terra Estelita” narra a história de uma família residente em uma casa da antiga Rede Ferroviária. A matriarca conta que sabia do movimento, mas não se envolvia com ele. Assim, decidimos intitular o capítulo como “Na margem” para retratar essas pessoas que estavam à margem do processo. O segundo capítulo, intitulado “Nos trilhos”, foi escolhido para representar os novos ocupantes, aqueles que estavam no lugar em prol do movimento. Demos esse nome por dois aspectos: tanto para mostrar que essas pessoas estavam cientes, estavam nos trilhos da discussão, quanto para retomar a linha férrea existente no local.

O primeiro texto, nomeado “Profissão: viageira”, conta a história de uma moça que viaja pelo país, levando um estilo de vida aventureiro e que resolveu participar do movimento. O segundo é sobre um rapaz que participava, pela primeira vez, ativamente, de uma mobilização. Esse fato deu nome ao perfil “Ativista de uma causa só”. O último perfil desse capítulo, nomeado “Memórias de uma ocupação”, narra uma conversa com um jovem de São Paulo que recebia o apoio da família para participar do movimento. No terceiro capítulo do livro encontramos o nome “Na vila”, escolhido para abarcar os personagens que moravam no local e que se envolviam de diferentes maneiras com o movimento.

“Do cais, o seu lar” narra a difícil vida de um jovem que saiu de casa por causa do padrasto e estava morando em um barraco. Esse rapaz participava das atividades culturais do #OcupeEstelita e dividia as refeições com os manifestantes. O segundo texto, “Entre duas paredes” conta a história de uma jovem que morava no local há 12 anos e que recebia ajuda dos seus novos “vizinhos”. O terceiro e último texto do livro, “Um novo Recife para um velho morador”, relata a história de um homem que se mudou para um barraco porque não havia mais espaço na casa onde morava. A mulher e os filhos não quiseram acompanhá-lo, apesar disso ele estava bastante envolvido com o movimento, inclusive, ajudando nas tarefas diárias.

Buscamos com essa titulação dos capítulos, uma sequência crescente do *grande assunto* como denomina Lima (1995), começando com aqueles que estavam no local, mas



sabiam quase nada do movimento. Em seguida, passando pelos manifestantes do movimento #OcupeEstelita e culminando naqueles que já moravam na área e se envolveram com a causa, participando das atividades e organizando as manifestações. Como dito anteriormente, o tamanho dos textos varia, já que ficou a cargo de cada aluno encontrar o tamanho adequado. O único ajuste que fizemos nos textos em questão de formatação foi cuidar para que todos obtivessem intertítulos. Optamos por essa característica porque a maioria dos textos utilizava esse recurso para demarcar a mudança de assunto, assim, acrescentamos nos textos que não possuíam.

A escolha do nome “Estelita: as faces do Cais” ocorreu da seguinte forma: consideramos muito importante apresentar logo no título do livro uma ideia sobre a temática que este aborda. Colocamos, assim, o nome Estelita. No entanto, esse nome e consequentemente o lugar não são muito conhecidos fora do estado de Pernambuco, por isso, achamos necessário um detalhamento através da inclusão de um subtítulo. Chegamos ao termo “As faces do Cais” depois de discutirmos sobre a relevância de ao menos sugerirmos o conteúdo do livro: os perfis. De tal maneira, chegamos ao nome Estelita: as faces do Cais, do qual é possível inferir que o nome Estelita refere-se a um cais e que diferentes ângulos desse local são abordados.

Outro aspecto que merece ser mencionado a respeito da edição do livro como um todo são as fotografias. Todas foram feitas por estudantes de jornalismo em suas visitas ao local da ocupação. Como nem todos os repórteres fotografaram seus perfilados devido à dificuldade de conseguir autorização dos personagens, decidimos utilizar imagens de certa forma genéricas do movimento. Além disso, não utilizamos muitas fotografias, pois o foco, como já mencionado, eram os textos, por isso preferimos uma diagramação mais simples, com poucas cores e poucos elementos gráficos. Utilizamos, então, as fotografias para demarcar o início dos capítulos e algumas em seu interior para quebrar os grandes blocos de texto.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Produzir o livro-reportagem Estelita: as faces do Cais foi um desafio em diferentes aspectos. O primeiro deles foi ir a campo em busca de personagens dispostos a contar suas histórias de vida e de compartilhar seus medos, dificuldades, mas também sua esperança. Apesar da resistência de algumas pessoas para falar, no fim, foi possível elaborar textos muito interessantes e esclarecedores acerca de um tema negligenciado pela mídia

tradicional. Depois da apuração, veio o desafio de escrever, afinal, quando se está acostumado ao lead jornalístico é difícil fugir de suas amarras e experimentar a liberdade de um gênero jornalístico até então inexplorado por nós estudantes.

Depois da escrita, veio outra etapa inédita, particularmente para os alunos escolhidos como editores: a prática da edição. Antes desse livro não havíamos vivenciado as rotinas de produção e edição, desse modo, foi difícil estabelecer parâmetros para escolhermos os textos que entrariam no livro-reportagem, assim como, nos preocupamos com a organização dos capítulos, a escolha de seus títulos e nome da obra. Acima de tudo, da prática jornalística desde a apuração até a finalização da publicação, foi desafiador nos vermos envolvidos em uma temática atualíssima e que ainda não tem um desfecho, cuja divulgação envolve diversos níveis de interesse.

Esse livro-reportagem, apesar de trazer um gênero jornalístico bastante conhecido, contribui para o resgate dessa forma humanística de narrar fatos, há tanto tempo deixada de lado pelos grandes veículos de comunicação. Igualmente, trata-se de uma obra que traz novas informações a seus leitores, apresentando um acontecimento tão atual a partir da perspectiva dos diferentes personagens envolvidos. É de fato uma publicação jornalística, cujo primeiro objetivo é informar, seguido de orientar e de fornecer embasamento para o receptor, para que este possa formar sua própria opinião, estimulando o pensamento crítico tão caro à constituição de uma sociedade civil organizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#OCUPEESTELITA. Linha do tempo. Disponível em: <<http://www.ocupeestelita.com.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

DIREITOS URBANOS. #ocupeestelita. Disponível em: <<https://direitosurbanos.wordpress.com/ocupeestelita-0/>>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.